

Artigo de investigação

Os Destinos Turísticos na Literatura: Um Estudo sobre a Serra da Estrela

Tourist Destinations in Literature: A Study of Serra da Estrela

Nelson Clemente Santos Dias Oliveira: Instituto Politécnico da Guarda & CITUR-Centro de Investigação Desenvolvimento e Inovação em Turismo, Portugal.

nelsonoliveira@ipg.pt

Data de receção: 04/01/2025

Data de aceitação: 05/02/2025

Data de publicação: 10/02/2025

Como citar o artigo

Oliveira, N. D. (2025). Os Destinos Turísticos na Literatura: um Estudo sobre a Serra da Estrela [Tourist Destinations in Literature: A Study of Serra da Estrela]. *European Public & Social Innovation Review*, 10, 01-21. <https://doi.org/10.31637/epsir-2025-1252>

Resumo

Introdução: Neste trabalho procurou-se explorar a relação entre a literatura e a construção social da imagem da Serra da Estrela, um dos mais tradicionais destinos turísticos de Portugal. **Metodologia:** A metodologia comportou uma pesquisa documental para reunir o corpo de análise que foi constituído por 42 excertos de obras, de 24 autores, que legaram escritos sobre a Serra da Estrela. Os dados assim reunidos foram posteriormente sujeitos a uma análise de conteúdo. **Resultados:** Pôde comprovar-se que ao longo dos tempos as obras literárias têm descrito a Serra da Estrela com imagens impregnadas por um conjunto de ícones e clichés ligados à montanha aos rigores climatéricos, à neve, às paisagens naturais inóspitas, à solidão, ao pastoreio e às atividades socioeconómicas daí decorrentes, bem como a rudeza, também de carácter, dos seus habitantes. **Discussão:** A imagem reproduzida na literatura privilegia os produtos turísticos de inverno mais tradicionais omitindo outras imagens que poderiam contribuir para um turismo o ano inteiro. **Conclusões:** As conclusões confirmam a ideia inicial de que a literatura continua a ser uma fonte de informação importante no processo de construção social dos destinos turísticos.

Palavras chave: Turismo; Literatura; Serra da Estrela; Montanha; Destinos; Imagem; Clima; Território.

Abstract

Introduction: The aim of this study was to explore the relationship between literature and the social construction of the image of Serra da Estrela, one of Portugal's most traditional tourist destinations. **Methodology:** The methodology included documentary research to gather the body of analysis, which consisted of 42 excerpts from works by 24 authors who had written about Serra da Estrela. The data gathered was subsequently subjected to content analysis. **Results:** It can be seen that over the years, literary works have described the Serra da Estrela with images impregnated with a set of icons and clichés linked to the mountain, the harsh weather, snow, inhospitable natural landscapes, solitude, grazing and the socio-economic activities that result from it, as well as the rudeness, also of character, of its inhabitants. **Discussions:** The image reproduced in the literature favors the more traditional winter tourism products, omitting other images that could contribute to year-round tourism. **Conclusions:** The findings confirm the initial idea that literature continues to be an important source of information in the process of social construction of tourist destinations.

Keywords: Tourism; Literature; Serra da Estrela; Mountains; Destinations; Image; Climate; Territory.

1. Introdução

Neste trabalho procurou-se explorar as relações entre a literatura e a construção social de um lugar ou destino, assumindo que esta é mais uma peça do complexo puzzle que permite construir socialmente a imagem de um território.

Pese embora as redes sociais digitais sejam, na atualidade a maior e mais poderosa, fonte de informação turística (Jacinto, 2023) o turismo literário que pode ser entendido como “uma modalidade de turismo cultural que se desenvolve em lugares relacionados com os acontecimentos dos textos de ficção e com as vidas dos autores” (Diaz y Garcia, 2010, p. 72), tem-se vindo a constitui, cada vez mais, um nicho de turismo cultural (Sousa y Anjo, 2020). Com efeito, os grandes êxitos da ficção propiciam a oferta turística em locais, um pouco por todo o mundo, porque muitos leitores querem ter a oportunidade de submergir na vida ou na obra dos seus autores favoritos. As pessoas tendem a visitar os lugares literários por um conjunto de razões: visitam os locais relacionados com a vida do autor, quer seja a casa natal ou os locais que costumava frequentar, e onde, naturalmente escreveu as suas obras; tendem a ser atraídos pelos lugares mais marcantes nas obras; para além daqueles que procuram no estruturar as suas visitas a partir de obras literárias (Diaz y Garcia 2010). Para ilustrar esta ideia, bastaria, por exemplo refletir sobre o impacto que o romance de Miguel Sousa Tavares, *Equador*, posteriormente adaptado para série televisiva teve no proveito de colocar o destino São Tomé e Príncipe, no mapa turístico dos portugueses, visível, no facto de alguns dos locais mais emblemáticos da obra serem amiúde referidos pelos guias turísticos daquele arquipélago africano (Oliveira, 2018).

Mas o papel da literatura no turismo não se fica pela atração exercida pelos lugares que os escritores retrataram nos seus livros, que os escritores frequentaram ou ligados às histórias de vida dos escritores. O papel da literatura no turismo pode ser muito mais subtil. Através da literatura, o leitor tem a possibilidade de experimentar as sensações que o autor associa às realidades locais dos territórios que descreve, contribuindo dessa forma para a construção social da imagem desse lugar (Oliveira, 2019). Isto porque o ato de viajar não é uma vivência social neutra, pelo contrário, está fortemente imbricada com os valores da modernidade.

Assim, um ou outro destino poderá tornar-se atrativo, se for descrito como sedutor, da mesma forma, poderá ser posto de lado se o escritor transmitir vivências negativas acerca dele.

A experiência de viajar do leitor sedimenta-se, assim, mediada pelas ideologias, estados de espírito e valores do escritor, até porque as pessoas tendem a ler autores que respeitam, que admiram e com os quais se identificam (Robinson, 2004).

Nesta perspectiva, os escritores são agentes importantes na produção de espaços turísticos e, como tal podem até vir a ser cúmplices do turismo de massas, porque, em alguns casos, “inventam” novos destinos turísticos que podem, ou não, vir a constituir-se como destinos de massas. Os escritores, de forma intencionada, ou não, podem encorajar a suas audiências a visitarem partes do mundo periféricas aos grandes destinos turísticos (Diaz y Garcia, 2010).

Ainda que estas considerações tenham de ser tomadas com alguma cautela porque “a literatura de viagens não funciona como um incentivo para influxos turísticos em larga escala, os seus impactos são mais seletivos em termos de leitura e destinos e mais subtis no que respeita a efeitos catalisadores” (Robinson, 2004, p. 349), não deixa de ser verdade que alguns dos principais destinos turísticos, um pouco por todo o mundo, podem ser vivenciados a partir da dialética obra/autor. Há um vasto conjunto de cidades que podem e são procuradas pelas suas “paisagens literárias”: Paris, Dublin, Londres ou o Norte de Inglaterra, Lisboa, Sicília, Berlin, Atenas, São Petersburgo, para dar apenas alguns exemplos (Diaz y Garcia, 2010).

Não obstante, escrever sobre viagens, visitas e locais mais ou menos distantes, é provavelmente, tão antigo como a própria escrita. Cronistas, militares, conquistadores, religiosos, cientistas, historiadores, antropólogos, jornalistas, entre tantos outros, preocuparam-se, ao longo dos tempos, em deixar o legado das suas viagens para a posteridade. Apesar de essas narrativas não poderem ser consideradas escrita turística, isto porque deve-se:

Encarar a escrita turística como uma metáfora do próprio turismo; como uma jornada discursiva com pontos de partida e pontos de chegada, mas com bastantes digressões e desvios entre o objecto e a pessoa, o real e o imaginário, o esperado e o desconhecido, o cómico e o trágico, o filosófico e o surreal, o romântico e o prosaico! (Robinson, 2004, p. 345).

A verdade é todos estes exemplos contribuem para sedimentar a imagem (orgânica) dos territórios descritos, de tal forma que não é imediata a dissociação da produção literária sobre determinados lugares, da imagem global desse mesmo lugar e do comprometimento com destinos turísticos (Diaz y Garcia, 2010; Robinson, 2004).

Este partilhar de experiências desempenha várias funções, não apenas para o escritor, como para os seus leitores. Para o escritor legitima a partilha social das experiências da viagem, enquanto alimenta o estatuto pessoal por via de ser um observador privilegiado daquilo que partilha. Para os leitores, a literatura é um meio de “viajar” por locais e culturas que talvez nunca teriam a oportunidade de visitar ou, pelo contrário, permite-lhes uma primeira abordagem de um destino de férias (Robinson 2004). Quem não pensou visitar a Coreia do Norte, depois de ler o livro de José Luís Peixoto *Dentro do Segredo, Uma Viagem na Coreia do Norte?*

1.1. A invenção da Serra da Estrela como um destino de montanha

Apesar da sua inquestionável visibilidade atual por ser parte integrante, mais do que do património tangível, do património intangível, na medida em que é uma das imagens iconográficas de Portugal, o maciço central da Serra da Estrela só foi explorado em grande escala, com objetivos científicos apenas a partir dos finais do século XIX, em consequência da mítica Expedição Científica à Serra da Estrela, (realizada) em agosto de 1881.

Pode mesmo residir nesse tardio interesse da comunidade científica o desconhecimento e indiferença votados internamente a esta região de Portugal:

a situação excêntrica da Serra da Estrela em relação à Europa, quando comparamos com a centralidade de outras cadeias montanhosas europeias, como sejam os Alpes, onde é abundante a literatura deixada por viajantes ilustres e redigida para turistas em busca de experiências estéticas (Domingos, 2011 p. 5).

Fossem essas ou outras as hipóteses explicativas, o que é um facto é que a Serra da Estrela, não obstante a atual e irrefutável visibilidade social, num passado recente, não desempenhou um papel, nem de perto nem de longe, semelhante ao de outras cadeias montanhosas, no que se refere a inspirar produção literária.

É certo que algum do desinteresse da comunidade científica nacional poderá ser justificado pela sua localização periférica: longe de capital muito mais voltada para o Oceano Atlântico do que para a Europa; no mais profundo interior do país; por não constituir nenhuma fronteira entre estados; pelas suas incipientes acessibilidades ou mesmo pela sua altitude pouco significativa (quando comparada com as grandes cadeias montanhosas europeias), mas talvez tenha sido a extensão do território colonial português a principal causa. Por ser tão vasto e heterogéneo, desde cedo terá canalizado a maioria dos investimentos de carácter científico-exploratório do nosso país.

Ainda assim, importa referir que a visibilidade das grandes cadeias montanhosas da Europa Central é também ela um fenómeno relativamente recente que obedece à lógica daquilo a que Deprest (2004) apelidou de “invenção da montanha”. Segundo Deprest (2004) apesar da Montanha Alpina ter desempenhado um papel crucial nas relações entre a Europa do Norte e a Europa Mediterrânica, foi só a partir do século XVI que começou a adquirir visibilidade quando começou a surgir de maneira episódica nos quadros de alguns pintores flamengos.

E foi também mais ou menos por essa época que o Glaciar de Grindelwald começou a ser objeto da atenção e de visitas de numerosos viajantes, ainda que na literatura, a montanha, continuasse a ser um monopólio dos autores suíços. Não obstante esta insipiente invenção da montanha operada no século XVI, a visão dominante durante o século XVII continuou a ser uma visão negativa das montanhas (Deprest, 2004).

A inversão desta imagem, para Deprest (2004) só viria a suceder no século XVIII, quando os Alpes passaram a “estar na moda” pela mão de diversos poetas e escritores, de entre os quais se destaca J. J. Rousseau, de tal forma que, para o historiador J. Joutrad, pode balizar-se o ano de 1720 como o início do crescimento sistemático e exponencial de viajantes nos Alpes Suíços (Deprest, 2004).

Fazendo jus ao que nos diz Deprest (2004), poetas e escritores, um pouco por todo o mundo, já se tinham rendido aos encantos pictóricos dos Alpes, cerca de século e meio antes da Sociedade de Geografia de Lisboa organizar a grande expedição científica à Serra da Estrela e, por essa via, se ter começado a “inventar” a Serra da Estrela como destino.

1.2. formação da imagem dos destinos turísticos

Segundo vários autores, a formação da imagem de um destino turístico é o culminar de um processo que passa por três níveis (Rodrigues & Brito, 2009; Almeida, 2010). O primeiro nível, a imagem orgânica, resulta da combinação de várias fontes onde se incluem institucionais e indiretas, tais como, literatura, cinema, documentários, experiências de amigos e família e não anda muito distante do tipo de conhecimento que poderemos considerar de senso comum.

O segundo nível, a imagem induzida, é construída por via de uma procura consciente, por parte do potencial turista e resulta da informação que este consegue reunir a partir de fontes institucionais com base no material promocional delineado pelo marketing, interpretadas em função da estrutura sociocultural do potencial consumidor. Por último, a imagem induzida-modificada é aquela que é cristalizada na experiência dos indivíduos que conhecem o destino. Neste nível é de primordial importância a satisfação, ou não, das expectativas que são criadas aquando do nível anterior, em que as pessoas encetam uma procura consciente de atributos, assim como a motivação que o indivíduo acalenta para visitar o destino em causa.

Isto é, a motivação para visitar um destino prende-se com fatores afetivos, articulados com o conjunto de informação que foram recolhidas acerca desse destino (Oliveira, 2018, Oliveira, 2019, Oliveira 2022, Oliveira 2022b).

Dito de outra forma, para a formação da imagem de um destino concorrem duas categorias de variáveis explicativas da imagem “uma referente aos atributos do destino turístico – clima, preço, gastronomia, hospitalidade, beleza natural –, ou seja, o lado cognitivo; outra focando o lado psicológico/holístico – expectativas, emoções esperadas, associações –, o lado afectivo.” (Rodrigues & Brito, 2009, p. 42).

1.3. Objetivos do trabalho

Não se pretende fazer aqui uma exaustiva análise acerca da produção literária sobre a Serra da Estrela, isso justificaria outro tipo de trabalho, pretende-se, tão-somente encontrar indícios da imagem da Serra veiculada por alguns daqueles, que a seu tempo, a pretenderam descrever e refletir.

2. Metodologia

A Pesquisa Documental, entendida como “método de recolha e de verificação de dados” (Albarello et al., 1997, p. 30), foi aqui utilizada como um instrumento de análise que recaiu sobre artefactos escritos relativos à Serra da Estrela e que permitiu reunir uma série de textos que no seu conjunto constituíram uma “fonte de informação selectiva” (Lessard-Hébert, Gouyette y Boutin, 1994, p. 143), mas que pretenderam ser também usados como fonte de informação crítica. Dito de outra forma, pretendeu-se aqui “dar forma conveniente e representar de outro modo essa informação, por intermédio de procedimentos de transformação” (Bardin, 2006, p. 38).

Concretamente, o corpo de análise da pesquisa que aqui se apresenta foi constituído por uma amostra de 42 excertos de obras, de 24 autores das mais diversas áreas de produção literária, que legaram escritos sobre a Serra da Estrela. Com efeito, a pesquisa que suportou este trabalho, que não se pretendeu exaustiva, contemplou referências a estes territórios da autoria de poetas intemporais, escritores clássicos (onde se inclui o único prémio Nobel Português), bem como escritores contemporâneos, pelo que abarca obras de poesia, romances clássicos e até obras com fins científicos e escolares.

O processo de seleção das obras que integraram o corpus de análise, do presente trabalho, não foi fácil, porque ainda nenhum trabalho académico se tinha dedicado a esta temática, pelo que se optou por uma estratégia de recolha de casos algo semelhante à amostragem do tipo “bola de neve” (Carmo y Ferreira, 1998, p. 198).

Ou seja, deixando cair o propósito da exaustividade, a metodologia de recolha passou por solicitar a conhecidos que tivessem interesse pela literatura portuguesa, que indicassem obras onde pudessem ser encontradas referências a estes territórios montanhosos que a Expedição Científica à Serra da Estrela de 1881, veio celebrar.

3. Resultados

A Serra da Estrela é a mais alta montanhosa de Portugal Continental, segunda mais alta do país, para além de ser um dos mais antigos e tradicionais destinos turísticos, enquadra, desde 1976 a maior área natural protegida em território nacional, o Parque Natural da Serra da Estrela e, desde 2020, um Geopark Mundial UNESCO, e é conhecida pelas suas paisagens, marcadas por fragas, rochedos, penhascos e espelhos de água (Oliveira, 2022).

Assim, nada melhor para começar esta digressão literária acerca do lugar da Serra da Estrela na literatura, do que iniciá-la pela própria denominação da cadeia montanhosa, o que por si só, serve, desde logo, para enfatizar os diferentes registos que ela implica.

A denominação da cadeia montanhosa que nos tem ocupado, é ela própria, também elevada à categoria de mito, pelos autores que ao longo dos tempos se dedicaram a descrevê-la com os mais variados fins. É mais ou menos consensual que os cronistas romanos designavam estes territórios de Montes Hermínios, mas não está tão claro quando esse nome terá caído em desuso passando, paulatinamente, a ser comutado por Serra da Estrela.

O Padre Miguel Quelhas Bigotte na sua Monografia da Cidade de Seia dedica algumas páginas a procurar na “bruma histórica” a origem dessa designação. Diz-nos, o autor, que uma das teorias procura a génese do nome na existência, na Serra, de “uns penedos que acabam em modos de Estrêla” (Bigotte, 1945, p. 317 - 318). Outra teoria, referida pelo mesmo autor, alicerça-se no facto de numa das cumeadas da Serra, haver, ou ter havido, um penedo ou penhasco que, visto de longe, se assemelharia aos contornos de uma estrela (Bigotte, 1945, Simões, 1979).

Se as duas primeiras teorias têm uma base comum, por associarem a designação a formações rochosas, outros autores, ainda que fortemente influenciados pela imponente geografia deste território, procuraram a origem da denominação, na forma irradiante das águas e vales que dela descem para a zona inferior, cuja configuração se assemelha a uma estrela.

Outra teoria, porventura mais inverosímil, procura a razão para esse nome no facto de ter existido um templo dedicado a uma divindade cujo nome teria sido Estrela d’Alva (Simões, 1979).

Por último, a teoria que Bigotte atribui a Adelino Abreu e que acaba também ele por apadrinhar, até porque tem a particularidade de se basear na explicação dada pelos seus habitantes, defende que tal nome advém do facto de por lá “nascer”, durante o verão, uma estrela da madrugada, chamada Estrêla d’Alva.

Esta teoria é particularmente interessante, não só porque vai beber às tradições locais, mas acima de tudo porque recentemente foi corroborada cientificamente, ainda que com as naturais “nuances”, que afastam o conhecimento científico do conhecimento popular, pelo Astroarqueólogo Fábio Silva (Silva, 2013), que num artigo científico que carecerá, ainda, de alguma validação científica, defende que essa estrela é a “Aldebaran”.

Transversalmente, merecem ainda reparo as explicações de cariz lendário e mítico, cuja função na construção social de um espaço ou território também não deve ser menosprezada, um pouco à imagem da função que as lendas da fundação de cidades, como Lisboa ou Roma jogam na construção identitária dos seus habitantes. Porventura a mais conhecida lenda envolve os seus ancestrais habitantes (os pastores) em histórias de princesas, reis e rainhas:

Conta a lenda que havia um rei ao qual chegou a notícia de que todas as noites um pastor do alto da serra conversava com uma estrela. O rei mandou logo chamar o pastor e ordenou-lhe que lhe desse a sua estrela, prometendo em troca dar-lhe muitas riquezas e muitos dos seus bens. O pastor não aceitou, pois preferia ser pobre a perder a sua estrela. Ao voltar à sua pobre cabana no alto da serra, o pastor ouviu uma doce melodia que era a sua estrela a cantar. Ela estava com receio de que o pastor se deixasse levar pela ambição da riqueza. O pastor ficou todo contente e a estrela prometeu que sempre seria sua amiga. Então o velho pastor exclamou: – De hoje em diante, esta serra há-de chamar-se Serra da Estrela. Conta a lenda que no alto da serra ainda hoje se vê uma estrela que brilha de maneira diferente das outras estrelas, como que à procura do bom e velho pastor amigo (Livro do 4º Ano do Ensino Básico, Pasta Mágica, 2013, p. 173).

Esta divagação acerca do nome atribuído à cadeia montanhosa proporciona, duas reflexões iniciais. Primeiro permite refletir a atratividade que estes territórios têm vindo a jogar, não apenas para os seus habitantes, mas também para todos os que os visitaram, patente na preocupação de encontrar a fundamentação da sua denominação, mas serve ainda como abordagem preliminar à forma como a Serra da Estrela surge na literatura e, como tal, ao modo como se tem edificado a imagem socialmente construída desta região, em última análise a invenção destes territórios.

Uma das obras pioneiras no processo de dar a conhecer estes territórios montanhosos aos portugueses foi, sem dúvida, o livro de Emygdio Navarro, *Quatro Dias na Serra da Estrela: Notas de um Passeio*, que pode até considerar-se como uma das primeiras abordagens às potencialidades turísticas do território ainda que tendo por referência o que, à época, se fazia além-fronteiras.

Nesta obra, que tem a particularidade de se tratar da compilação de um conjunto de peças jornalísticas publicados no extinto Jornal Correio da Noite¹, posteriormente compiladas em livro, Navarro relata-nos, num registo jornalístico e didático, sem excessivas preocupações científicas, uma expedição coordenada pelo ilustre médico Sousa Martins e cujo fim último passava pela prossecução dos trabalhos da secção médica da Expedição de 1881².

Com efeito, ao longo de toda a obra, as comparações entre as Serra da Estrela e as cadeias montanhosas dos Alpes Suíços são frequentes, isto porque Sousa Martins pretendia averiguar se a altitudes semelhantes, os efeitos benéficos, que à época, a medicina associava aos sanatórios em altitude, seriam equiparáveis. E pode estar, precisamente, nesta pretensão do notável clínico a disseminação pelo imaginário coletivo da imagem da “Serra da Saúde”, para a qual terão concorrido os sanatórios e as estâncias termais que a Serra alberga e albergou:

Tempos houve em que se buscava a cura ou o alívio de muitos males quase exclusivamente com a mudança de ares. Quem procura os cumes ou as encostas da Serra para repousar encontra um ar fresco, mais puro e leve. O ambiente é outro e o contacto com a natureza leva ao encantamento da alma (Simões, 1979, p. 25).

Não obstante esse ser o móbil da expedição que o livro relata, ao longo da obra são elencados, em alguns casos enquadrados por descrições edíficas, noutros em registos mais críticos, alguns dos locais que se vieram tornar mais tarde dos mais emblemáticos desta região, nomeadamente os regatos que se fazem rios a partir da montanha (Mondego, Zêzere e Alva) assim como os lagoachos e lagoas. Sedimentando uma outra imagem, a imagem da Serra associada à abundância e pureza cristalina das suas águas:

De cima da sua fraga primária, espelha-se nas águas claras do Alva, do Mondego ou do Zêzere, três rios que lhe sulcam a alma de frescura, lirismo e persistência, e vê-se de rosto sereno, vagamente irónico e malicioso, pronto a ir governar a nação, indiferente ao riso desconfiado do Minho, ao ar carrancudo de Trás-os-Montes, à nostalgia alentejana e à reservada mudez algarvia (Torga, 1967, p. 74).

E que ao longo dos tempos tem inspirado poetas, como António S. Tente (O Nosso Rio) e J. Lima Garcia (Poema o Mondego) ou Jerónimo Saavedra (As Fontes).

Não obstante a exploração científica da Serra comportou também o esforço de desmistificação, de algumas lendas que há muito povoavam o imaginário daqueles que melhor a conheciam, os pastores.

Nas lendas da serra, a lagôa escura está em comunicação com o mar; e os pastores repetem a tradição de terem sido achados, boiando na lagôa, fragmentos de navios, engolidos pelas ondas. As leis do equilíbrio hydraulico são negadas por esta lenda, para a qual não faz obstáculo, que a lagôa esteja n’uma diferença de nível, a respeito do, mas, superior a 1.700 metros. Segundo a lenda a lagoa não tem fundo para assim se estabelecer a comunicação com o oceano, que por ella resfolga de quando em quando, nos seus rugidos de leão indómito. Monstros invisíveis se escondem debaixo da água, habitando em misteriosas cavernas, e aí do pastor, que se aventurasse a banhar-se

¹ O Jornal Correio da Noite publicou-se em Lisboa entre 1 de abril e 1881 e 11 de outubro de 1910.

² A expedição científica de 1881 era composta por 36 especialistas foi “guiada” por um pastor sabugueirense. Suzanne Daveau (1969), “Structure et relief de la Serra da Estrela”, Finisterra, vol. IV, n.º 7, pp. 31-63.

irreverentemente na lagôa, ou que ousasse demorar-se à beira délla por horas mortas da noite! Um d'esses monstros, um hypogreipho, um trasgo chavelhudo, um animalejo qualquer, sairia a agarral-o plo cós dos calções de ovelha, e leval-ohia para as profundidades incomensuráveis do abysmo, onde se sumiria para sempre o seu corpo e a sua alma (Navarro, 1884, p. 110).

Apesar de Navarro na sua descrição minuciosa referir que a expedição de 1881, teria desacreditado esta lenda, ao colocar homens e instrumentos de medição dentro da lagoa, acaba por lhe dar um novo fôlego quando deixa espaço para as mais ousadas imaginações:

Na última fraga, d'onde se avistava a lagôa escura, parámos por algum tempo em contemplação de despedida. (...) E, nesta contemplação final, vimos em meio da lagôa, boiando, um objecto escuro e ao mesmo tempo refulgente, que da enseadazinha nos passara despercebido. A lenda surgia diante de nós com uma tentação mysteriosa! (Navarro, 1884, p. 112).

A Torre, os Cântaros, os Covões, a Santinha, o Corgo das Mós, o Corgo das Fragas, o Fragão do Corvo, o Poio da Morte, o Corredor dos Mercadores e outros locais de que, nas palavras de Emygdio Navarro (1884), só os pastores sabem o nome, testemunham a medida em como a natureza foi generosa para com esta região, no que a paisagens fascinantes diz respeito e concorrem para a outra imagem da Serra, a Serra Paisagem Natural e Geológica, única no discurso científico de Oliveira Martins e tão bem a descrita pelas narrativas literárias de Vergílio Ferreira ou Miguel Torga:

A serra da Estrella é a mais elevada das cordilheiras portuguezas; é o prolongamento da espinha dorsal da Península; é a divisória das duas metades de Portugal, tão diversas de fisionomia e temperamento; é finalmente como que o coração do paiz (Martins, 1882, p, 37).

Toda selada de neve, a montanha brilha até aos píncaros mais distantes, flutua levemente num vago halo azul. Ressoa brevemente o murmúrio da ribeira, do ar imperceptível, do silêncio dos grandes espaços livres, uma adstringência recorta a sombra dos pinhais, geometriza a noite em linhas de aço... (Ferreira, 1994, p. 121).

As suas Penhas Douradas, refulgentes já no nome, os seus Cântaros rebeldes a qualquer aplanção, os seus vales por onde deslizaram colossos de gelo, nos brancos tempos do quaternário. Revela, sobretudo, recantos quase secretos de mulher. Fontes duma pureza original, cascatas em que a água é um arco-íris desfeito, e conchas de granito onde se pode beber a imagem (Torga, 1967, p. 79).

Outra imagem remanescente é a imagem da Serra ligada à pastorícia e às atividades socioeconómicas daí decorrentes. O texto de Emygdio Navarro (1884) é fértil em referências a pastores, diz-nos que são eles quem melhor conhecem a Serra, enuncia alguns dos topónimos que os pastores atribuíram a determinados lugares, reflete alguns dos mitos que estes acalentam, enquanto divaga sobre a dureza das suas vidas, mas está muito longe de ser o primeiro autor a referir-se ao ancestral uso da Serra da Estrela.

Na verdade, já Gil Vicente em 1527, na Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela³ se havia socorrido desta prática imemorial para caracterizar esta região:

Pastor Gonçalo:

Há mester grandes presentes
Das vilas, casas e aldeias
A Serra responde:
Mandarà a Vila de Cea
Quinhentos queijos recentes
Todos feitos à candeia,
E mais trezentas bezerras
E mil ovelhas meirinhas
E duzentos cordeirinhos
(Pimpão, 1963, pp. 79-80)

Aliás, um dos mitos mais acarinhados da portugalidade coloca um dos mais eminentes heróis míticos, precisamente, neste território. São por demais conhecidos os versos de Luís de Camões dedicados a Viriato na sua obra-prima, *Os Lusíadas*, Cantos III est. XXII e VIII est. VI:

Desta o pastor nasceu, que do seu nome
Se vê, que de homem forte, os feitos teve. (Camões, 2000, p. 104)

Este que vês pastor já foi de gado;
Viriato Sabemos que se chama,
Dentro na lança, mais que no cajado,
Inquirido tem de Roma, a fama,
Vencedor invencível afamado. (Camões, 2000, p. 342)

Com efeito, a generalidade dos textos que têm como objeto as “gentes da Serra”, os “genuínos representantes dos lusitanos antigos”, como lhes chamou Jorge Dias (1990, p. 173), sejam eles marcadamente literários ou de carácter científico, mais do que descrever a economia de subsistência que vigorou até há bem pouco tempo, acabam por falar do pastoreio, sob pena de não serem associados a esta região, como exemplifica Orlando Ribeiro em Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico, ou como romanceia Miguel Torga:

A importância da montanha, a proximidade de cimos, que no inverno se cobrem de neve, e de planícies soalheiras na mesma época do ano, de grande secura que, durante o verão, atinge as terras baixas, só mitigada pela altitude, são condições favoráveis à vida pastoril, que tem a sua expressão tipicamente regional no regime da transumância, isto é, de oscilação regida pelo ritmo climático, entre altos pastos estivais e invernada na planura ou no vale (Ribeiro, 1945, p. 15).

A aldeia mais alta e mais internada na serra, o Sabugueiro, era habitada por pastores transumantes e camponeses que, em duas ou três semanas, semeavam, lavravam, ceifavam e malhavam o grão semeado no ano anterior, abandonando depois os campos elevados aos rebanhos e à solidão.

³ Trata-se de uma “Tragicomédia” representada em Coimbra perante o rei D. João III, aquando do nascimento da infanta D. Maria, cujos personagens eram a Serra da Estrela, um eremita, pastores e pastoras. O argumento consiste na visita da Serra da Estrela à cidade de Coimbra, para festejar o nascimento da infanta, pelo meio o eremita é chamado a gerir os amores e desamores dos pastores, promovendo casamentos entre eles prestando pouca ou nenhuma atenção aos seus desejos e sentimentos.

Presentemente a transumância quase desapareceu e a população trabalha nas modernas fábricas mais próximas (Ribeiro, 1945, p. 167).

Vide, 16 de Outubro de 1943 – A Beira, surpreendida na sua xística pureza. Uma ribeira de água cristalina, mãe do Alva, meia dúzia de ovelhas e o seu pastor – o símbolo aqui, está tão confundido com a realidade, que tanto monta entender ovelhas por gado como por gente, e pastor por um homem de manta às costas ou pelo padre Cândido (Torga, 1999, p. 266).

Ainda que os registos não sejam coincidentes. Por vezes tendem a elevar o pastor à categoria de herói, refletindo a dureza solitária das suas vidas:

O pastor da Serra é espadaúdo ágil e frugal. Seus companheiros são os cães, com quem não teme enfrentar alcateia de lobos. Dois dedos na boca e um assobio agudo ecoa pelas quebradas, juntando o gado, quando o perigo advém, o cajado no ar e o alarido dos cães intimidam a mais ousada e faminta alcateia (Simões, 1979, p. 57).

E as da Serra da Estrela
Por mais que ninguém se vela
Valem mais do que as cidadans
São pastoras, são louçans
Que a todos fazem guerra
Bem desde o cume da Serra.
(Gil Vicente in Feio y Monteiro, 1852, p. 189).

Enquanto outras vezes se lhes ridiculariza a ambição desmedida:

Não há casal, dos inúmeros que se espalham pela serra fora como pequenos rebanhos de ovelhas, onde não tenha nascido um desses homens sem brilho, apagados e humildes, que começam a tocar pífaro sobre uma lapa, e que às duas por três estão no Terreiro do Paço de aguilhada na mão (Torga, 1967, p. 80).

Ainda que em outros casos os associem a quadros bucólicos:

Perder-se por ela a cabo num dia de neve ou de sol, quando as fragas são fofas ou há flores entre o cervum, é das coisas inolvidáveis que podem acontecer a alguém. Para lá da certeza dum refúgio amplo e seguro, onde não chega a poeira da pequenez nem o ar corrompido da podridão, o peregrino esbarra a cada momento com a figuração do homem que desejaria ser, simples, livre e feliz. (Torga, 1967, p. 83).

E noutros, ainda, se lhes descubram encantos românticos, como Luis Vaz de Camões (1994, p. 56) em Cantiga Alheia:

Pastora da serra,
da serra da Estrela,
perco-me por ela.
Voltas
Nos seus olhos belos
tanto Amor se atreve
que abraça entre a neve
quantos ousam vê-los.

Não solta os cabelos
Aurora mais bela:
perco-me por ela.

Diretamente imbricadas com a pastorícia surgem, frequentemente, outras atividades económicas fortemente associadas a esta região. Os lacticínios e não menos frequentemente a tecelagem que deu razão de ser a muitas cidades, vilas e aldeias distribuídas por estes territórios. É certo que sem merecerem o destaque conferido à natureza, os maiores aglomerados de pessoas da região também vão granjeando algumas referências, ainda que a Serra permaneça como pano de fundo:

Os primeiros teares criaram-se, em já difusos e incontornáveis dias, para a lã que produziam os rebanhos dos Hermínios. O homem trabalhava, então, no seu tugúrio, erguido nas faldas ou a meio da serra. No inverno, quando os zagais se retiravam das soledades alpestres, os lobos desciam também e vinham rondar, famintos, a porta fechada do homem. A solidão enchia-se dos seus uivos e a neve reflectia a sua temerosa sombra.

A Serra porque só a pé ou a cavalo a podiam vencer, parecia incomensurável, muito maior do que era, e de todos os seus recantos, de todos os seus picos e refegos brotavam superstições e lendas – histórias que os pegureiros contavam, ao lume, a encher de terror as noites infindas (Ferreira de Castro in David Mourão-Ferreira, 1979, p. 223).

Por via do cruzamento entre estas duas variáveis, atividade socioeconómica e tradição popular, a literatura contribuiu, ao longo dos tempos, para a construção social da identidade coletiva dos habitantes destes territórios. Indícios da personalidade dos serranos podem ser procurados nas obras de quatro dos escritores, que fizeram da Serra da Estrela um elemento central das suas obras.

António Alçada Batista diz-nos que “O serrano é introspectivo, e arranja coisas dentro de si porque, por fora, a força das rochas e das árvores lhe tolda o horizonte” (Baptista, 2006, p. 32). Virgílio Ferreira naquela que é porventura a sua mais conhecida obra, *Manhã Submersa*, alimenta a imagem do conservadorismo, do premente controlo social preconizado pela Igreja Católica e do imobilismo social (Ferreira, 1980).

Também Ferreira de Castro, em *A Lã e a Neve*, recupera a questão das desigualdades sociais e das aspirações dos pastores a terem uma vida mais sedentária e mais confortável, no confronto daquilo que perdem e ganham na sua conversão de pastores a operários e reitera os mitos e superstições que enquadram os valores dos serranos (Castro, 1947).

Enquanto Aquilino Ribeiro que, em *Geografia Sentimental*, escrevia que “O serrano é mau, improgressivo, cruel e impiedoso” (Ribeiro, 1983, p. 95) no romance *Homem da Nave*, vincula a identidade coletiva dos habitantes aos territórios em que vivem “A Serra da Estrela é uma personalidade. Descobre-se à distância de trinta léguas. Caminha-se para ela e fica sempre a mesma, ativa, remota, coberta com um manto real” (Ribeiro, 1968 p. 259).

Em suma, a literatura tende a descrever os habitantes da Serra da Estrela como produtos e produtores do rude meio que habitam. Imagens não muito distantes da que textos, com pretensões mais científicas lhes associaram:

O serrano ou montanhês da Estrela, beirão genuíno, é em geral dolicocefalo, de estatura média, moreno, de castanhos ou pretos cabelos, de olhos negros ou escuros, robusto, do tipo rácico íbero-insular. Astuto e activo, são-lhe inatos os sentimentos de liberdade e da independência; é de poucas falas (generosamente se abre a excepção para a tagarelice feminina e do rapazio das escolas) e bastante impulsivo, rude no trato, é franco e fiel; ousado até à temeridade, é algo persistente; leva uma vida infra-humana, lutando contra o clima e pobreza das terras, acarinhando estas e os gados e desprezando a política; fundamentalmente religioso, vê e adora Deus nas grandes altitudes e nas tempestades, apreciando as festas religiosas e rezando, em família, apenas á noite; quando pragueja e blasfema é animal supersticioso; vive muitos anos e morre de cansaço; é sóbrio na alimentação mas bebe muita água ou muito vinho, quando o há; tem pouco cuidado com o vestuário e é desleixado com o cabelo e com a barba; não teme a noite nem os caminhos e habita sem constrangimento todo o lugar que não tenha chuva nem vento (Marques, 1996, p. 69).

Não obstante, sem ousar colocar em causa todas as imagens tradicionalmente atribuídas à região da Serra da Estrela, porventura a imagem mais indissociável da região acaba por advir do clima, a neve e o gelo que quase se confundem com ela. O estatuto de ponto mais alto de Portugal Continental concorre para que esse fenómeno meteorológico seja porventura a mais imediata imagem associada a estes territórios:

A Serra tem uma área de cerca de oitenta quilómetros quadrados com cota superior a 1500 metros e quatro vezes mais dentro da curva de nível dos mil metros. É a única região do país onde todos os anos neva, mantendo-se a neve, nalguns sítios, até meados do Verão” (Simões, 1979, p. 19)

Por que muitas vezes se tem visto cair nela neve em Maio; e conserva-se nesta todo o Verão (Navarro, 1884, p. 25).

Com efeito, falar da Serra da Estrela é falar da neve. Na verdade, este fenómeno meteorológico tem sido central para aqueles que têm tentado descrever estes territórios cientificamente, mas também para aqueles que os usaram como inspiração, à cabeça dos quais surge, naturalmente Augusto Gil, o poeta que tão bem a soube sentir:

Balada da Neve
Batem leve, levemente,
como quem chama por mim.
Será chuva? Será gente?
Gente não é, certamente
e a chuva não bate assim.
(...)
Fui ver. A neve caía
do azul cinzento do céu,
branca e leve, branca e fria...
Há quanto tempo a não via!
(...) (Gil, 1997, p. 57)

Assim, parece que estas imagens, quando articuladas entre si, cristalizam a imagem socioeconómica da Serra da Estrela, que Miguel Torga sintetizou com maestria:

Alta, imensa, enigmática, a sua presença física é logo uma obsessão. Mas junta-se à perturbante realidade uma certeza ainda mais viva: a de todas as verdades locais emanarem dela. Há rios na Beira? Descem da Estrela. Há queijo na Beira? Faz-se na Estrela. Há roupa na Beira? Tece-se na Estrela. Há vento na Beira? Sopra-o a Estrela. Há energia eléctrica na Beira? Gera-se na Estrela. Tudo se cria nela, tudo mergulha as raízes no seu largo e materno seio. Ela comanda, bafeja, castiga e redime. Gelada e carrancuda, cresta o que nasce sem a sua bênção; quente e desanuviada, a vida à sua volta abrolha e floresce (Torga, 1967, p. 80).

Por outro lado, na literatura parece persistir ainda uma versão “roteirizada” da Serra, vinculando-a a certos espaços icónicos que parecem resumi-la a um conjunto de locais que por vezes parecem confundir-se com ela.

De facto, foi durante o Estado Novo aquando dos primeiros esforços de promoção turística de Portugal, que se elegeram um conjunto de locais, a esmagadora maioria acessíveis por automóvel, que na percepção de muitos portugueses constituem “uma visita à serra”. Esse roteiro é visível mesmo quando é questionada a sua pertinência, como tão bem o faz o nosso prémio Nobel da Literatura, José Saramago, em *Viagem a Portugal*:

O viajante começa a duvidar que lhe valha a pena fazer a volta da serra como a tinha sonhado, indo por Sabugueiro, Seia, S. Romão, Lagoa Comprida até à Torre, e depois descendo pelas Penhas da Saúde, rematando na Covilhã (...). Calculou distâncias, observou desníveis, e resolveu seguir ao longo do Zêzere, ir antes ao Poço do Inferno, que esse, por próximo dos olhos estar, não a esconderá a névoa, e depois seguir por aí acima até às Penhas da Saúde. É o que pode fazer um viajante quando o poder dos deuses falha (Saramago, 1985, p. 197).

Chegados aqui, a procura da imagem da Serra da Estrela que se procurou realizar neste trabalho, estaria incompleta se não se tivessem procurado também indícios da forma como a Serra tem sido apresentada, ao longo dos tempos, às crianças. Assumindo que independentemente do estado ou do regime político, a escola é sempre um instrumento ideológico, contribuindo em menor ou em maior grau para legitimar as sociedades.

No que a este trabalho importa, durante o Estado Novo no livro da terceira classe do ensino primário do Ministério da Educação (1958, p. 44) podia ler-se:

A Serra da Estrela

A serra da Estrela fica no centro do País, e eleva-se aproximadamente a 2.000 metros de altitude. De inverno cobre-a extenso manto de neve; de verão cresce espontânea nas suas encostas viçosa relva. Desta se alimentam numerosos rebanhos de ovelhas, de cujo leite se fabrica o queijo da Serra. Há na serra da Estrela duas lagoas- a Escura e a dos Cântaros – alimentadas principalmente pelo degelo. As suas águas são aproveitadas para fins industriais: produção de electricidade para iluminação e para força motriz de fábricas. Da Covilhã há diariamente carreiras de camionetas para as Penhas da Saúde, local aprazível e muito frequentado. De Manteigas, parte uma estrada que passa nas Penhas Douradas. Também se pode ir, por estrada de Seia à Lagoa dos Cântaros. Lugares notáveis: a Torre, os Cântaros a Nave de Santo António e o Poço do Inferno. São já muitos frequentes as excursões à serra da Estrela. Lá vão procurar alívio e repouso os doentes e fatigados. Se puderdes, visitai-a também um dia, para admirardes alguns dos mais soberbos panoramas de Portugal.

Também o livro de Leitura da IV classe dedicava duas páginas à mais emblemática cadeia montanhosa portuguesa:

A Serra da Estrela

É a mais alta serra de Portugal, com os seus 1.991 metros de altitude, no famoso planalto da Torre. Foi chamada nos tempos antigos, Montes Hermínios; nela e nos seus arredores, organizou Viriato a sua histórica luta contra os Romanos, invasores da Lusitânia. Tem a serra panoramas imponentes, cheios de beleza e grandiosidade. Nela nascem os dois maiores rios nacionais: o Mondego, que, depois de descer pelo norte da serra, se dirige para oeste até à Figueira da Foz, onde entra no mar, e o Zêzere que corre logo para o sul até se encontrar com o Tejo, perto da vila de Constância. Possui a serra numerosas lagoas, entre elas a Comprida a Escura e a dos Cântaros. A neve que, durante a quadra invernos, se acumula nos píncaros e pendores da serra permite a prática de desportos; para esse fim, a serra é visitada, nessa época, por desportistas que se dirigem para os pontos próprios, principalmente para as Penhas da Saúde. Os pastores são abundantes. Por isso, a criação dos rebanhos lanígeros se efectua em grande escala e é uma das fontes de receita da região. A indústria dos lacticínios e a dos lanifícios são consequência da criação dos gados. O queijo da serra da Estrela é conhecido de todos e a sua produção é a mais importante de todo o País, depois da do Alentejo.

Na Covilhã, em Gouveia, em Loriga, e outras terras dos arredores são numerosas as fábricas de lanifícios. No centro de Portugal, a serra forma como que um enorme espinhaço que divide o País em duas metades de diversa fisionomia. (Livro da IV Classe do ensino primário, n/d, p. 82-83).

Contudo, não foi apenas durante o Estado Novo que a Serra da Estrela teve honras de referência nos livros escolares. Mais recente, o Plano Nacional de Leitura, incluía a leitura do livro juvenil, “Uma Aventura na Serra da Estrela” que conta a história de um grupo de amigos que se deslocam à montanha para gozarem uns dias de férias, mas que entre tempestades de neve que tornam as estradas intransitáveis e os obriga a pernoitar em casas abandonadas, encontros com lobos e experiências com desportos de inverno na instância de esqui, se envolve numa aventura com uma quadrilha de assaltantes que utiliza, precisamente, o Queijo da Serra da Estrela para dissimular o produto dos roubos e assim o transportar para fora da região.

Também neste livro, a neve é o tema central, não fosse este fenómeno meteorológico, raro em Portugal, o móbil e a recompensa para a viagem destes jovens aventureiros, como o ilustra o excerto retirado da lição do livro do 4º ano:

Uma aventura na Serra da Estrela

Dentro da carrinha o ambiente era de grande euforia. Falavam todos ao mesmo tempo, riam, cantavam em coro. Os cães participavam como se também eles tivessem a sensação de realizar um velho sonho: ir à Serra da Estrela e ver a neve! (Livro de do 4º Ano do Ensino Básico, *Pasta Mágica*, 2013, p. 174).

A obra de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada (2015), de onde foi retirado este excerto, como não poderia deixar de ser, inclui no enredo os principais ícones da Serra da Estrela, onde se aglomeram referências ao pastoreio “(...) no inverno os rebanhos descem aos vales por causa da neve (...)” (Magalhães y Alçada, 2015, p. 154), à raça de cães autóctone (O Serra da Estrela) e ao seu inimigo mítico, o lobo: “A primeira coisa que fazíamos mal o Sol raiava era procurar as pegadas para ter uma ideia de quantos lobos nos rondaram a casa.

Houve um ano que foi terrível. Morreu um pastor, desapareceu gado e teve que se organizar uma batida para dar cabo deles.” (Magalhães y Alçada, 2015, p. 55). Sem esquecer o queijo da Serra da Estrela, como foi referido atrás, também ele um elemento central no enredo.

Num esforço de mapear os locais, verifica-se que o grosso do enredo se desenrola no espaço imaginário “Serra da Estrela”, em quintas e sítios não identificados. Sobre este assunto é sintomático não ser referido o trajeto que levou os jovens à região, a história começa com os jovens já dentro da carrinha que os levará ao seu destino. No que diz respeito a locais concretos onde se desenrola a ação são referidos a cidade da Covilhã, a Torre e os Piornos, a Nave de Santo António, as lagoas Comprida e de Viriato, a estrada para Seia, assim como o fenómeno geológico “Cabeça da Velha”.

Merece ainda destaque o facto de as autoras colocarem na boca de uma das suas personagens, um dos habitantes da Serra, a reivindicação de uma outra abordagem a esta região por parte dos *mass media*:

Cá para mim não há sítio mais bonito no mundo do que a serra da Estrela – declarou de chofre. – Pena é que apareça tão pouco na televisão. Passam a vida a filmar terras sem interesse nenhum quando tinham aqui tanta paisagem linda... São uns palermas. Quando aparecem por cá, enfiam. se nos hotéis, dão uma voltinha e pronto! Está o passeio feito (Magalhães & Alçada, 2015, p. 99).

De resto, o livro evoca uma outra imagem não tanto ligada apenas à Serra da Estrela, mas ao interior centro do país, ligada ao misticismo à religiosidade e ao sobrenatural, não apenas quando se refere a questão do “velho inimigo” destas gentes (o lobo), mas também quando se menciona a existência de grandes mansões abandonadas.

A história termina de forma muito semelhante àquela com que começara, com uma referência a uma das principais imagens da região, neste caso ao astro que empresta o nome à montanha: “Atrás de um cume da montanha brilhava ainda a estrela da manhã” (Magalhães y Alçada, 2015, p. 167).

Para lá da narrativa faz parte da obra um anexo onde, sob o título “Curiosidades da Serra da Estrela”, se descrevem algumas características geográficas, como a altitude; as cidades que a enquadram, Covilhã, Guarda, Gouveia, Seia e Manteigas (que na realidade é uma Vila); os rios, onde se fala sumariamente apenas do rio Mondego e do rio Zêzere (omitindo, por exemplo, o Alva ou o Alvôco); lendas (naturalmente a lenda da Serra da Estrela), do Penedo do Abraço e do Poio do Judeu; para além de outros locais de interesse: Cabeça da Velha, Cabeça do Velho, Pedra do Urso, Cântaro Magro.

4. Discussão

A revisita aqui realizada à imagem, perpetuada pela literatura, da Serra da Estrela, permitiu concluir que o legado dos escritores pode ser uma peça incontornável no puzzle que é a construção social da imagem Serra da Estrela. De facto, a cadeia montanhosa foi objeto frequente das obras, não apenas daqueles que por lá se fizeram gente, como também daqueles que sem de lá serem naturais se sentiram magnetizados pelo domínio que ela exerce sobre todo o território de Portugal Continental.

As narrativas acerca dos rochedos caprichosamente moldados pelos elementos, acerca dos quase inumeráveis espelhos de água, dos rios de água cristalina e gelada, mas ao mesmo tempo fervilhantes de vida, acerca dos bosques variados, consoante a altitude média, e claro das paisagens pautadas pelo gelo e pela neve, contribuíram no passado como contribuem agora para sedimentar a principal imagem desta região indissociável da paisagem natural e do clima.

Outra imagem recorrente é aquela que recupera a ancestral ocupação socioeconómica destes territórios, o pastoreio, através da reflexão das longas jornadas dos pastores e dos seus rebanhos, na transumância, protegidos das alcateias, pelos seus fiéis amigos (a raça autóctone do Cão da Serra da Estrela), ou evocando a memória do principal herói mítico destes territórios Viriato (também ele um pastor).

Na verdade, desde tempos imemoriais a forma de vida errante, contemplativa e solitária dos pastores que lhes enrijece e molda o carácter tem sido dada como exemplo da personalidade particular do serrano e em última análise tem servido de inspiração para construir socialmente a imagem da população local.

Decorrente do pastoreio, outras imagens reminiscentes conduzem-nos à gastronomia, que facilmente se confunde com o Queijo da Serra, nesta região e para os lanifícios que ajudam a cristalizar a imagem da paisagem urbana fortemente marcada pelo tantas vezes não consensual valor do património histórico, pautado pelas ruínas em alguns casos reaproveitadas das antigas fábricas de lanifícios que ainda dominam as paisagens urbanas dos maiores aglomerados populacionais da região.

A questão do património histórico remete ainda para a inicial função turística da Serra ligada à saúde (termas e sanatórios) e para a exploração hidroelétrica da abundância de água.

E por fim os textos dos livros escolares, parecem sintetizar as imagens da Serra mais frequentemente reproduzidas, ao longo dos tempos, pelos diferentes escritores elencados até aqui, nomeadamente a imagem da Serra marcada: pelo clima (a neve referida em ambas as lições); pela paisagem natural (com referências em ambos os textos de que se trata da montanha mais alta de Portugal Continental e com a enumeração dos rios que nela nascem, assim como as principais lagoas); pela paisagem urbana (ainda que sem destaque, são referidas as cidades da Covilhã de Seia e de Gouveia, a vila de Manteigas, a vila de Loriga assim como as localidades de Penhas da Saúde e Penhas Douradas); pela gastronomia (em ambos os textos é referido o Queijo da Serra da Estrela), pela população local (associada aos seus míticos povoadores os lusitanos).

Podem ainda sinalizar-se referências ao património histórico (desvalorizado face à paisagem natural); e à oferta hoteleira (não diretamente, mas é sugerida uma visita); assim como a oferta cultural e social (ligada à saúde e aos desportos de aventura e montanha). De salientar é ainda a particularidade de não ficar muito claro quais são as cidades que a enquadram, num texto surge Covilhã e Seia no outro Covilhã Gouveia e Manteigas.

5. Conclusões

Importa dizer, antes de tudo, que não foi propósito deste trabalho elencar exhaustivamente todos os textos e autores que se dedicaram a escrever sobre a mais emblemática montanha portuguesa.

Procurou-se encontrar os indícios de como, ao longo dos tempos historiadores, geógrafos, escritores, romancistas e poetas foram, por meio das suas obras contribuindo para a construção social da imagem da Serra e quase se concluiu que esse esforço poderia ser substituído pela consulta das lições sobre a Serra da Estrela presentes nos manuais da terceira e da quarta classe da escola primária das décadas de 1950 e 1960, pois são muitas as semelhanças nas imagens transmitidas.

De facto, parece assistir-se a um decalque entre as imagens que os escritores foram associando a estes territórios, ao longo dos tempos, e aquelas que estão presentes nos textos em causa, o que não é de surpreender.

Porventura menos expectável seria que o livro juvenil *Uma Aventura Na Serra da Estrela*, recentemente integrado no Plano Nacional de Leitura, e do qual é extraído um excerto para integrar uma lição que partilha o nome com o livro viesse recuperar muitas dessas imagens fortemente marcadas por um conjunto de ícones e clichés ligados ao clima e à paisagem natural, ao pastoreio e ao Queijo da Serra da Estrela.

No que concerne ao destino turístico Serra da Estrela, estas imagens sedimentam um destino turístico marcada pela sazonalidade de Inverno à revelia das pretensões de muitos dos *stakeholders* locais que, parafraseados numa das personagens do livro *Uma Aventura na Serra da Estrela*, oferecem um destino turístico para o ano inteiro.

6. Referencias

- Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J. P., Maroy, Ch., Ruquoy, D., & de Saint-Georges, P. (1997). *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais*. Gradiva.
- Almeida, P. (2010). *La imagen de un Destino Turístico como Antecedente de la Decisión de Visita: análisis comparativo entre los destinos*. (Tese Doutoramento). Universidad de Extremadura.
- Bardin, L. (2006). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Batista, A. (2006). *Tia Suzana, Meu Amor*. Editorial Presença.
- Bigotte, J. Q. (1945). *Monografia da Vila de Seia. História e Etnografia*. Iipografia da Papelaria Fernandes.
- Borges, I., & Pereira, C. (2013). *Pasta Mágica, livro de português do 4º ano*. Arial
- Camões, L. (1994). *Rimas*. Almedina.
- Camões, L. (2000). *Os Lusíadas*. Instituto Camões.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da investigação, guia para a auto-aprendizagem*. Universidade Aberta.
- Deprest, F. (2004). *Inquérito sobre o Turismo de Massa: A Ecologia Face ao Território*. Instituto Piaget.

- Dias Oliveira, N. (2019). La construcción simbólica de la imagen de los territorios: la Serra da Estrela entre las imágenes tradicionales y la imagen turística. *PASOS Revista De Turismo y Patrimonio Cultural*, 17(6), 1159–1177. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2019.17.080>
- Dias, J. (1990). *Estudos de Antropologia I*. Imprensa nacional da Casa da Moeda.
- Diaz, M., & Garcia J. (2010). El libro como Patrimonio Cultural y Atractor Turístico. En G. Ferrari, J. M. Montero, J. Mondéjar & M. Vargas (Coord). *Investigaciones métodos y análisis del turismo*. (pp. 67-100). Septem Ediciones.
- Feio, J., & Monteiro, J. (Edi.) (1852). *Obras de Gil Vicente. Livro IV das Farças*. Biblioteca portuguesa.
- Ferreira De Castro, J. (1947). *A Lã e a Neve*. Livraria Editora Guimarães.
- Ferreira, V. (1980). *Manhã Submersa*. Bertrand.
- Ferreira, V. (1994). *Aparição*. Bertrand.
- Gil, A. (1997). *Luar de Janeiro*. Ulmeiro.
- Jacinto, M. (2023). Meios de Comunicação e Imagem dos Destinos Turísticos-Uma Revisão de Literatura. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, 44, 13-27. <https://doi.org/10.31492/2184-2043.RILP2023.44/pp.13-27>
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2005). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Instituto Piaget
- Magalhães, A., & Alçada, I. (2015). *Uma Aventura na Serra da Estrela*. Editorial Caminho.
- Marques, C. (1996). *A Serra da Estrela: Estudo Geográfico*. Assírio & Alvim.
- Martins, O. (1882). *História de Portugal*. Bertrand.
- Ministério da Educação Nacional (1958). *O livro de leitura da terceira classe*. Sociedade Editorial de Livreiros.
- Ministério da Educação Nacional (nd). *O livro de Leitura da quarta classe*. Editora a Educação Nacional, Lda.
- Mourão-Ferreira, D. (1979). *Portugal A terra e o Homem: antologia de textos de escritores do século XX*. Calouste Gulbenkian.
- Navarro, E. (1884). *Quatro dias na Serra da Estrela: Notas de um passeio*. Editora da Costa Santos.
- Oliveira, N. (2022). O cinema documental e a construção da realidade e da memória coletiva dos destinos turísticos. *RITUR – Revista Iberoamericana de Turismo*, 12(1), 35-60. <https://doi.org/10.4067/S0717-554X2018000100012>

- Oliveira, N. (2018). Imagem cinematográfica, construção da realidade e atratividade turística dos territórios. *Vista*, 2, 224–245. <https://doi.org/10.21814/vista.3004>.
- Oliveira, N. (2022)^b. A perceção das fontes de informação turística no turismo interno: Destino Serra da Estrela. *HUMAN REVIEW. International Humanities Review*, 12(6), 1-19. <https://doi.org/10.37467/revhuman.v11.3988>
- Pimpão, A. (1963). *Gil Vicente - Tragicomédia pastoril da Serra da Estrela*. Universidade de Coimbra.
- Ribeiro, A. (1968). *Homem da Nave*. Bertrand.
- Ribeiro, A. (1983). *Geografia Sentimental*. Bertrand.
- Ribeiro, O. (1945). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico: Estudo Geográfico*. Coimbra Editora.
- Robinson, M. (2004). Narrativas de estar noutra sítio: Turismo e literatura turística. En A. Lew, C. Y. Hall & A. Williams *Compêndio de Turismo*, (pp. 341-354) Instituto Piaget.
- Rodrigues, A., & Azevedo L. (2011). *Pasta Mágica – Matemática, 4º ano*. Areal Editores.
- Rodrigues, Z., & Brito, P. (2009). A imagem turística de Portugal no Brasil: a influência dos atributos na formação da imagem de um destino turístico. *Revista Portuguesa E Brasileira De Gestão*, 8(2), 39-50 <https://periodicos.fgv.br/rbpg/article/view/78876>
- Saramago, J. (1985). *Viagem a Portugal*. Editorial Caminho.
- Silva, F. (2013). Landscape and Astronomy in Megalithic Portugal: the Carregal do Sal Nucleus and Star Mountain Range. *Papers from the Institute of Archaeology*, 22, 99-114, <http://dx.doi.org/10.5334/pia.405>.
- Simões, V. (1979). *A Serra da Estrela e as Suas Beiras*. Edição do Autor.
- Sousa, B. B., & Anjo, A. M. (2020). Literatura e turismo no digital: o caso de Lisboa e Fernando Pessoa. *Revista Lusófona De Estudos Culturais*, 7(2), 185-201. <https://doi.org/10.21814/rlec.2574>
- Torga, M. (1967). *Portugal*. Coimbra Editora.
- Torga, M. (1999). *Diário I*. Publicações D. Quixote.
- Vaz, D. (2011). Reinventar a relação cidade-montanha na Covilhã: uma discussão para a criação de uma nova marca urbana. *Forum Sociológico* 21(21), 55-64 [10.4000/sociologico.444](https://doi.org/10.4000/sociologico.444)

AUTOR:

Nelson Clemente Santos Dias Oliveira

Instituto Politécnico da Guarda & CITUR-Centro de Investigação Desenvolvimento e Inovação em Turismo, Portugal.

Nelson Clemente Santos Dias Oliveira é licenciado em Sociologia pela Universidade da Beira Interior (Portugal), mestre em Sociologia pela mesma universidade e doutor em Comunicação pela Universidade de Vigo (Espanha). Atualmente é professor adjunto na Escola Superior de Educação Comunicação e Desporto (ESECD) do Instituto Politécnico da Guarda (IPG), Portugal. É Membro integrado do CITUR-Centro de Investigação Desenvolvimento e Inovação em Turismo (Portugal). Leciona nas áreas da comunicação e das ciencias sociais e os seus interesses ao nível da investigação centram-se na comunicação, no turismo e no desporto.

nelsonoliveira@ipg.pt

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-3545-0813>

Google Scholar: <https://scholar.google.pt/citations?user=VsrcuCAAAAJ&hl=pt-PT>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Nelson-Oliveira-9>